

A INSCRIÇÃO DO SENTIDO ÉTICO NA CULTURA, EM LÉVINAS

Sérgio A. J. Volkmer*

Resumo: Para Lévinas, as formas do pensamento e os modos diversos de ser refletem o que há mais além do saber e do conhecimento: a relação fundamental que subjaz ao ser, e que parte do puro existir, do puro há, onde o ser ainda não é tematizado. A filosofia como sistematização é o prenúncio do ser-para-a-morte, que se compraz com chegar ao fim, não aberto ao infinito do totalmente outro. Lévinas procura trazer o que está por trás da *filo-sofia*, ou do autêntico amor ao saber, desejo de relacionar-se com um outro totalmente diferente. A primeira consciência, consciência *de*, é consciência em relação. Não há subjetividade sem alteridade, e isto significa estar permanente aberto a novos aspectos do outro, aos quais devo responder renovadamente. O problema da fundação da cultura sobre a intuição ética original não é de simples solução. Não há outra maneira de se realizar no mundo uma intuição original senão através da cultura. O princípio regulador da ética na instituição da cultura parece que nunca poderá ser simplificarmente uma norma primeira, mas antes um movimento de retorno à vivência, ou experiência vital, original, do existir e da formação da própria subjetividade em meio e a partir do diferente, um movimento de crítica racional iluminada por uma experiência.

Palavras-chave: ética; cultura; relação; Lévinas.

Abstract: To Levinas, the forms of thought and the ways of being reflect what is beyond knowledge: the essential relation that rests below being. Philosophy as systematization is the foreword of being-to-death. Levinas intends to show what is behind *philo-sophy*, the authentic love of wisdom, desire to be in relation with another totally different. The first consciousness, ‘consciousness of’, is consciousness in relationship. There is no subjectivity without otherness. The problem of the culture’s construction over original ethics intuition has no simple solution. There is no way to perform an original intuition if not through culture. Ethics principle in culture’s construction must be a return to the original life-experience of ‘existing’, and the development of subjectivity itself arising from the different being, in a rationally critical movement enlightened by experience.

Keywords: ethics; culture; relation; Levinas.

INTRODUÇÃO

Para fazer uma introdução deste breve ensaio temos que reconhecer inicialmente que é muito difícil fazer filosofia, refletir, chegar a uma relação espiritual-intelectiva com a realidade, também a respeito da realidade social, ética, buscando seguir o traço da intuição de Emmanuel Lévinas, sem recorrer à tematização sistematizante a que estamos acostumados na tradicional estrutura acadêmica, isto é, tentar estar atento ao Dizer anterior ao Dito. Nosso

* Doutorando em Filosofia/ PUCRS. E-mail: sergio.volkmer@acad.pucrs.br.

próprio modo de expor o pensamento ou, mais anteriormente ainda, nossas vivências originais, em nossa atividade acadêmica, com muita dificuldade, e em poucas empreitadas, consegue se libertar. O modo de filosofar descritivamente, proposto pela fenomenologia desde Husserl, não encontra muito respaldo nos atuais comentaristas dos velhos fenomenólogos. O que aqueles descreveram e apontaram – porque para muitos deles a filosofia é um apontar para que cada um faça a sua experiência de realização – hoje é sistematizado, e não é à toa que com isso suas descobertas perdem força, porque tanto mais sistematizadas, mais distantes da experiência original. Este é o drama hermenêutico da linguagem, que ao mesmo tempo que mostra, esconde. Por isso, para entender Lévinas, é preciso tentar seguir seus passos, segundo o seu próprio modo de ser filósofo, ainda que seja um *outro modo de ser*, diferente do comum – pois também a filosofia, quando se torna tradição, vira ‘senso comum’. Como para Heidegger, cada caminho trilhado na filosofia é apenas uma das possibilidades existenciais do homem. Não há filosofia definitiva; é sempre uma reinterpretação das mesmas perguntas metafísicas fundamentais. Ou, para Lévinas, uma resposta ética, um reposicionamento, frente às perguntas que a realidade como que impõe, renovadamente.

Muitos buscaram – ainda que com ‘intenções’ e compreensões divergentes sobre questões afins, cada um a seu modo – fazer uma redução da filosofia ao não tematizável, à vida vivida, ao que está por trás da racionalidade e da sistematização do saber na linguagem filosófica. Lévinas, Nietzsche, Kierkegaard, Schopenhauer – que dizer de outros não elencados, fora do tradicional eixo geográfico-filosófico – todos utilizaram inevitavelmente da linguagem como expressão do pensamento, porém no anseio por uma terminologia não terminal. Até onde conseguem libertar a vida e o desejo insaciável de conhecer? Já se disse que o mais importante na filosofia não é tanto ter respostas definitivas, mas levantar boas questões. Não interessa tanto o resultado, mas a intenção interior, o desejo sempre aberto e insatisfeito, o amor ao saber, amor ao diferente como diferente, jamais reduzido; amor que é fome que, à medida que é alimentada, somente faz aumentar o apetite. Que aponta para um mais além das categorias filosóficas.

Para apontar apenas um princípio de saturação, já na crítica de Schopenhauer ao modelo de totalização da realidade culminado em Hegel aparece como que um prenúncio da crítica à grande pretensão sistematizante filosófica da modernidade. A nova sofística de então, a enciclopédia, o saber vendável, a razão como posse – não de si mesma, o que seria louvável, mas do mundo – instrumentalizada e instrumentalizadora, mais uma peça na engrenagem a

mover outras peças num mundo interpretado sistematicamente como um mecanismo perfeitamente determinável, seja de modo físico ou dialético; mas, para Schopenhauer, de todo modo, não mais um puro, isento, ideal primeiro motor. Para Schopenhauer, a arte e a ascese (ascese de quê? Mais profundamente, da razão objetivadora) é o que liberta a vida da representação e da vontade, a contínua luta metafísica e social contra tudo e contra todos, para a vida se transformar em puro olho do mundo, abertura através da experiência estética. Este puro olhar não é de certa forma, o que perseguia Husserl? Mas daquela pretensão de sistema, seguindo a crítica de Lévinas, mesmo Husserl e Heidegger ainda são, de certa forma, herdeiros.

A obra de Lévinas é, por vezes, considerada como filosofia narrativa, ‘talmúdica’, teologia, negação da filosofia. Mas o que é a filosofia? De vários modos tem sido expresso o filosofar: como diálogo, meditação, sistematização, descrição, aforismos. Muitos questionaram, sem questionar-se: a obra de Lévinas é, ou não é, filosofia? O melhor talvez seria: que questões ela me desperta? Filosoficamente, devemos considerá-las ou esquecê-las? O esquematismo a que a academia está acostumada dificilmente consegue encontrar novas categorias: onde classificar o novo, o diferente? Mais um lugar para colocar o que talvez não ocupe lugar. Como refletir sobre Lévinas, tentar seguir seus passos, sua intuição, e ao mesmo tempo ser sintético, explicativo, categórico; ou, como costumamos dizer, como ‘dominar o pensamento e os conceitos’ deste autor? Dissertar sobre estas intuições em categorias como na linguagem filosófico-acadêmica a que estamos circunscritos é ao menos inquietante. Quando Lévinas é questionado por Philippe Nemo sobre como, em sua obra, poderiam se harmonizar o pensamento bíblico e o pensamento filosófico, intui imediatamente: “Terão que harmonizar-se?”¹.

Para Lévinas, as formas do pensamento e os modos diversos de ser refletem o que há mais além do saber e do conhecimento, um *de outro modo que ser*, a relação fundamental que subjaz à possibilidade mesma de interpretar o ser (aí começa uma crítica a Heidegger; aliás, o ser não é para ser interpretado como uma intenção minha, mas respondido), relação que parte do puro existir, do puro há, onde o ser ainda não é tematizado. As diversas formas humanas de expressar-se somente atestam que por trás de qualquer forma de comunicação há um sentido, sentido ético, este sim o objeto de todo desejo de conhecer, sentido da filosofia primeira. É neste sentido que as literaturas são um outro modo de colocar a mesma questão de

¹ LÉVINAS, E. Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo, p.17.

que deve se ocupar a filosofia: “O problema filosófico entendido como o do sentido do humano, como a procura do famoso ‘sentido da vida’ – sobre o qual se interrogam sem cessar as personagens dos romances russos – será uma boa preparação para Platão e Kant, que constam do programa da licenciatura em filosofia?”².

A filosofia como sistematização, o acabar-se no dito, esquecer o dizer, linguagem que tende ao termo, é o prenúncio do ser-para-a-morte, que se compraz com chegar ao fim, não aberto ao infinito do totalmente outro. Quando o homem se obstina em “uma intencionalidade, uma tematização e a impaciência de um aprender”³. O melhor que a filosofia pode fazer é tematizar sob a forma de ditos, dar respostas, sistematizar, categorizar, comunicar conhecimento? Tais atitudes ou modos de relação com o ser seriam talvez mais apropriados para as ciências particulares – Husserl queria a filosofia como uma ciência rigorosa –, enquanto na filosofia, ainda que sem desprezar o espaço que tenham, precisa-se ir mais profundamente, ou mais alto. Filosofia não é um movimento de gozo auto-satisfatório, mas é servir aos homens na comunicação. Daí seu caráter autenticamente pedagógico, de mostrar, apontar caminhos para a realização, mas não determinar um modo de ser. Lévinas procura trazer o que está por trás da *filo-sofia*, ou do autêntico amor ao saber, desejo de relacionar-se com um outro totalmente diferente. Ou saber que brota do amor? Autenticidade e saber: palavras que Lévinas provavelmente teria escrúpulos em usar, mas que unidas no contexto em que aqui as colocamos reforçam o dizer original do saber que está na *filo-sofia*. Lévinas mesmo testemunha que sua tarefa é constantemente voltar ao dizer e desdizer o dito, reconstruir a significação conforme o sentido original, anterior à intencionalidade da consciência e à positividade do saber.

“O meu esforço consiste em demonstrar que o saber é, na realidade, uma imanência, e que não há ruptura do isolamento do ser no saber; que, por outro lado, na comunicação do saber nos encontramos ao lado de outrem, e não confrontados com ele, não na verticalidade do em frente dele. Mas estar em relação direta com outrem não é tematizar outrem e considerá-lo da mesma maneira como se considera um objeto conhecido, nem comunicar-lhe um conhecimento.”⁴.

Conseguimos, hoje, quebrar a cadeia do pensamento totalizante? Mais além do meio acadêmico, na vida cotidiana e desprotegida, a descrença geral pós-moderna na razão não nos

² Id. *ibid.*, p.16.

³ Id., *De Deus que vem à idéia*, p.14.

⁴ Id., *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo*, p.49.

está levando ao i-mediato da fruição estética como único modo de relação, um novo totalitarismo, não mais da razão, mas das sensações? No totalitarismo, um monismo do pensamento, seja qual for sua origem, do racional ou do ‘sensacional’, não há espaço para a crítica – não há nem ouvidos, nem olhos abertos – não há luz, não há liberdade, nem relação, muito menos ética.

Lévinas traz uma luz original sobre o princípio ético da tomada de consciência no humano, que é anterior mesmo à intencionalidade:

“A intencionalidade, em que o pensamento permanece como adequação ao objeto, não define, portanto, a consciência ao seu nível mais fundamental. Todo o saber enquanto intencionalidade supõe já a idéia do infinito, a inadequação por excelência”⁵.

Idéia do infinito como uma relação ética com um outro irreduzível à objetividade no sentido husserliano. É princípio de diferenciação, contra a indiferentização da totalidade, isto é, a identificação no Dito, a cristalização em um sistema construído⁶, onde o diferente é interpretado como identidade. É nesse sentido que Lévinas propõe a preservação da desigualdade, do respeito à diferença: “o saber absoluto, tal como foi procurado, prometido ou recomendado pela filosofia, é um pensamento do Igual. O ser é abrangido na verdade. (...). Inversamente, a idéia do Infinito implica um pensamento do Desigual”⁷. Tentaremos não demonstrar, mas mostrar, acompanhando seu pensamento, *se e como*, a partir da reflexão deste filósofo *sui generis*, seria possível a inscrição do sentido ético original no fenômeno da cultura como uma construção humana.

A REDUÇÃO DA CULTURA AO FUNDAMENTO ÉTICO

Como fazer a redução da inscrição do sentido ético na cultura? A redução é chegar ao “murmúrio do há, não-sentido, no qual volta a essência e no qual também volta a justiça surgida da significação”⁸. Na redução, chegar ao outro modo que ser não é a negação do ser, pois mesmo na dialética do ser e não-ser, a negatividade é também submergida pelo puro

⁵ Id., Totalidade e infinito, p.14.

⁶ Id., *ibid.*, p. 66-67.

⁷ Id., Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo, p.82-83

⁸ Id., *De otro modo que ser*, p.243.

existir. “O há preenche o vazio que deixa a negação do ser”⁹. A ruptura da essência permite ir mais além do ser.

A cultura é o ambíguo ambiente da possibilidade ética. Pode ser local de cristalização, elevação – ou, contrariamente, submissão – da particularidade a uma universalidade; ou pode ser o local de acolhida do diferente, como um estrangeiro¹⁰. Ao mesmo tempo em que é o ambiente onde se dá a sedimentação do saber e das tradições, é também onde se dá a possibilidade de transcendência dos modos tradicionais de ver o diferente e a realidade em geral.

Em Lévinas a cultura pode ser vista sob vários aspectos e a partir de vários significados, emergindo daí a possibilidade da eticidade a partir da multiplicidade, isto é, os costumes, o direito, éticamente – e culturalmente – instituídos, fundados não na perseverança no ser, mas na preservação da diferença na pluralidade. Cultura como imanência, adequação do saber ao ser, onde “o outro é espoliado de sua alteridade, e devém interno ao meu saber”, onde a transcendência se torna imanência”¹¹. Cultura como prática, momento do saber, cultura da apreensão, voltada à satisfação, *manu-tensão* do eu como sujeito interessado e ativo, cultura que parte da pretensão saber absoluto e que tem como conseqüência a manipulação não somente das coisas, mas também do homem¹². Cultura como expressão na arte, criação de uma habitação para a representação do Outro a partir do Mesmo, mas que está sempre tensionada por uma “alteridade absoluta que não se deixa reduzir ao Mesmo e que convida a uma Cultura diversa daquela do saber ou da poesia”, cultura que Lévinas não deixa de ver com desconfiança como uma possível acomodação do Mesmo no prazer estético da representação para si do Outro¹³. Por fim, o sentido propriamente ético de cultura, “como abertura do humano à barbárie do ser” que, contrariamente à cultura do saber, da técnica e da arte, não busca a representação do Outro, nem confirmação do Mesmo na identidade, naquilo que poderíamos chamar de uma essência do humano, mas antes a questiona, “uma cultura ética na qual o rosto de outrem – aquele do absolutamente outro – desperta na identidade do eu a inalienável responsabilidade pelo outro homem (...)”¹⁴. A cultura, de todo modo, é sempre uma construção, uma inscrição de um sentido original, mas nunca o próprio sentido

⁹ Id. *ibid.*, p.46.

¹⁰ FABRI, M. Fenomenologia e cultura: Husserl, Lévinas e a motivação ética do pensar, p.119

¹¹ Id., *Tra noi*, p.213.

¹² Id. *ibid.*, p.214-215.

¹³ Id. *ibid.*, p. 218.

¹⁴ Id. *ibid.*, p.221.

original. É o ambiente de possibilidade de realização da ética. Seria interessante notar, apesar de não ser o tema deste estudo, como em Lévinas o sentido original de caráter comunitário de *ethos*, e portanto também o sentido comunitário da cultura, é ressignificado; está dirigido não primariamente ao grupo como um todo, mas a mim mesmo antes que aos outros; é um apelo feito a mim mesmo pelo outro. O questionamento ético provém do outro e é respondido por mim mesmo antes que pelos outros. Eu sou responsável pelo outro.

Nessa possibilidade de abertura ao diferente e de ruptura da identificação, para fazer a filosofia dar um passo atrás, questionar-se antes que questionar, Lévinas apóia-se, em grande parte, no método husserliano da redução fenomenológica. O movimento primeiro de libertação do sentido é, pois, fazer o caminho de retorno, uma redução do tematizado ao que lhe é anterior, uma busca do Dizer que é anterior ao Dito. Como podemos chegar, então, ao Dizer original, onde a equivocidade não se submete à identificação? Como romper com a identificação totalizante que submete o outro ao horizonte limitado do sentido construído? “A diacronia do dizer inter-rompe a gramática identitária do pensamento ontológico. O *chronos* revela-se propriamente na desmedida do *logos*.”¹⁵. Lévinas intui que a percepção do tempo é, antes que tudo, o próprio sentir infinitivo da sensação, verbo que une o passado e o futuro no presente. O tempo não revela apenas o sentido, tempo da presença. O tempo é ainda desvelamento do não-sentido. Este tempo não é uma construção, mas é uma percepção fundamental da consciência como acontecimento. Nesta diacronia, redução a uma consciência ainda não-intencional e não re-presentadora, a consciência é puro acolhimento do *outro que ser* na sensibilidade; consciência não presente, mas em proximidade a uma existência sem ente. Esta redução vale tanto para o sujeito individual como para a razão estabelecida ou instituída no dito filosófico. Mas o dito filosófico precisa reduzir-se ao dizer do existente, e neste reduzir-se novamente ao existir.

A verdadeira *epoché* do espírito acontece, pois, na sensibilidade, no além do ideal, ou mais aquém. Na sensibilidade, aquele que viria a ser objeto ideal de uma consciência intencional é vivenciado como existir de um outro concreto, como rosto. A sensibilidade não é ausência de consciência, apenas ausência de eu; subjetividade do sujeito possibilitada pela proximidade, dizer que se expressa num corpo que fala, em que a carícia é metáfora da comunicação. Da sensibilidade brota a substituição, o colocar-se no lugar do outro. “O não-

¹⁵ VILA-CHÃ, J., in SUSIN, L.C. et al. Éticas em diálogo, p.31.

sintetizável por excelência é, certamente, a relação entre os homens”¹⁶. A sensibilidade é o não tematizável, o anterior à intencionalidade, a consciência não-intencional. Na sensibilidade, o que está em jogo é a concretude da proximidade do rosto do outro, não uma idéia.

A primeira consciência, ‘consciência de’, é consciência em relação. O dizer que subjaz a esta consciência original é que ela surge a partir da diferença, e não do Mesmo. A consciência surge a partir da alteridade. O ser humano se descobre sujeito a partir da alteridade. Logo, o sujeito, o ser humano como sentido descoberto para si mesmo, é devedor, em seu ser, à alteridade. Alteridade que, por isto, precisa ser preservada a todo custo, para que o sujeito possa perseverar no seu ser, no sentido do humano, da subjetividade. Não há subjetividade sem alteridade. A construção do sentido se faz a partir do contato com o outro, a partir do primeiro contato que é a sensibilidade pelo rosto do outro.

Muito bem. É relativamente viável compreender o processo de redução-reconstrução aplicado à consciência do sujeito individual. Mas que dizer de um ‘espírito coletivo’ como parecem ser a cultura e as instituições sociais. Se a ética é fundamento do humano e, portanto, da sociedade, como construir coerentemente a sociedade sem representações distorcidas, somente a partir do desinteresse e da responsabilidade pela alteridade?

A cultura hodierna sofre – e possivelmente mais do que o indivíduo isolado, devido à cristalização das posições instituídas, muito mais difíceis de serem submetidas à crítica, revistas e reposicionadas do que as posições no âmbito individual –, de visões defeituosas, preconceitos, representações distorcidas da realidade que prejudicam aos homens encontrar, na própria cultura, um apoio para a compreensão de mundo que inevitavelmente cada ser humano precisará, para se situar frente ao mundo. Claro que, após as reflexões e reações de pensadores que se dedicaram a denunciar e colocar em suspeita os desvarios de uma razão instituída, que muitas vezes se traduzia em uma positividade heterônoma, aceita passivamente porque a cultura e o senso comum assim o impõe. Mas na prática social, a atual ausência de confiança na razão, ou o medo da ideologização da razão e dos totalitarismos morais – o medo, interesse e desejo de perseverança no ser, é princípio de violência –, não resolveu o problema, não tornou o despertar da subjetividade mais livre, mais autônomo. Ao contrário, supressa a confiança na razão, fica afastada a crítica sobre a racionalidade dos caminhos que toma a vida social. Pretensamente defendida contra os ideologismos que manipulavam a

¹⁶ LÉVINAS, E. *Ética e infinito*. Diálogos com Philippe Nemo, p.69.

racionalidade, e em nome de uma autonomia ética, mas às custas do sacrifício do espírito e da racionalidade, a cultura – e os homens – termina escrava do presente, dos modismos, da fruição pela fruição, do descompromisso ético. “O mundo contemporâneo, científico, técnico e gozador se vê sem saída – isto é, sem Deus – não porque tudo lhe é permitido e, pela técnica, tudo possível, mas porque nele tudo é igual”¹⁷. Paradoxalmente, quando tudo é possível e tudo é permitido, surge o tédio; porque jogada fora, junto com a água do banho, foi-se a criança. Foi-se a novidade, a esperança, a abertura ao novo, ao Infinito de que a criança, o filho, é imagem. O fenômeno atual não é apenas o de rejeição a uma razão heterônoma, mas absolutamente a qualquer racionalidade, prevalecendo a experiência imediata e irrefletida. Na aventura da conquista do cosmos, dentro de seu receptáculo espacial, o homem avança os limites da técnica, ao mesmo tempo em que tolhe-se em sua reflexividade frente ao infinito. “O pedestre do espaço - o homem - encontra-se cercado sem poder colocar o pé para fora”¹⁸. Cercado pelos mecanismos de defesa que a infante civilização técnica criou contra a ameaça edipiana da Ciência e do espírito, e com medo de tocar o Infinito. É atitude compreensível, frente aos percalços históricos, porém não deixa de ser alienante, ilusão e, como toda ilusão, traz como consequência uma inadequação à realidade que termina por prejudicar a qualidade de vida do homem. Exige uma certa ‘terapia de regressão’ da cultura na qual a redução fenomenológica pode ajudar. Para sair deste círculo que tende à descrença na razão instituída paradoxalmente através de um fôlego da razão individual, o que Lévinas parece identificar como que “uma certa excentricidade da consciência”, “uma fonte necessária de ilusões”¹⁹, é preciso uma redução até ao verdadeiro desinteressamento.

Nesta primeira aproximação, a ideologia por trás do sistema social, dos pensamentos e das instituições, não se mostra simplesmente como um mal em si. É um fenômeno que aponta para a inadequação absoluta do indivíduo ao sistema. O sujeito, indivíduo em meio à sociedade, tende a se querer diferente do todo, até mesmo para perseverar no seu ser. Indica, de certo modo, uma alteridade fundamental a ser preservada, ainda que de modo não original, ou ainda ingênuo. Indica a certeza de que um sistema, incluindo o filosófico, por melhor que seja, não vai me acolher completamente na minha alteridade. A ideologia se imiscui no sistema, então, através do interesse, tendência natural do ser. Não parece ser simplesmente um

¹⁷ Id., De Deus que vem à idéia, p.31.

¹⁸ Id. *ibid.*, p.24.

¹⁹ Id. *ibid.*, p.21.

perigo ao qual se tenha que fugir constantemente, criando novos mecanismos artificiais de defesa. É preciso compreender o que isto significa para o sentido do humano. No próprio fenômeno já aparece algo mais profundo: a diferenciação e a absoluta alteridade frente a qualquer tentativa de sistematização da vida social. Sim, é preciso agora lançar luz sobre o que foi reduzido para poder surgir uma consciência – tanto individual quanto coletiva – verdadeiramente aberta ao outro, verdadeiramente ética.

A UTOPIA: A RESIGNIFICAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

O problema da fundação da cultura sobre a intuição ética original não é de simples solução. Como contemporizar o desejo de autonomia, a liberdade, a vontade de poder, mesmo o genuíno desejo de relação com o outro e com o Infinito, de respeito pela alteridade, mesmo ainda o princípio de substituição, de absoluto altruísmo, com a idéia de ética estabelecida, de um dever moral? Haverá, enfim, um limite prático que o próprio fenômeno cultural imponha à idéia levinasiana de substituição? De que modo podemos, concretamente responder ao fato de sermos todos responsáveis por tudo e por todos, como cita Lévinas de Dostoievsky - “Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros”²⁰ ? Como passar da responsabilidade do Eu à responsabilidade nossa, isto é, como se tornar princípio de um *ethos*? A resposta principia, não ‘apesar’ da responsabilidade fundamental pela alteridade do qual o eu é o primeiro e inalienável devedor, não como que em uma exceção ou limitação do princípio fundamental da substituição, mas precisamente ‘por causa’ desta: “Porque eu próprio sou responsável pela responsabilidade de outrem”²¹.

No surgimento da cidade humana, a encarnação do espírito é inevitável. Não há outra maneira de se realizar uma intuição original senão através da cultura. Lévinas considera o problema da regulação ética e sua solução, apesar de complexos, não somente inevitáveis como necessários. “A relação interpessoal que estabeleço com outrem, também a devo estabelecer com os outros homens; logo, há necessidade de moderar este privilégio de outrem; aí a justiça.”²². Ainda que não seja propriamente sua ocupação de filósofo regular a instituição:

²⁰ Id., *Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo*, p.93.

²¹ Id. *ibid.*, p.91.

²² Id. *ibid.*, p.81.

“A minha tarefa não consiste em construir a ética; procuro apenas encontrá-lo o sentido. Com efeito, não acredito que toda a filosofia deva ser programática. Foi, sobretudo, Husserl quem teve a idéia de um programa da filosofia. Sem dúvida, pode construir-se uma ética em função do que acabo de dizer, mas não é propriamente este o meu tema.”²³.

Mesmo a ética de origem metafísica intuída por Lévinas, se for proposta como fundamento de uma sociedade, precisará se estabelecer como Dito, precisará ser realizada a partir de um princípio ideal expresso, seja em palavras, seja num sentido cultural geral. O trágico da cultura, e de toda instituição, é que tanto mais consiga conter expressões que traduzam uma vivência original, mais se afasta desta mesma vivência, pois o representar é necessariamente abrir mão de um outro presente que ficou no passado; para alguns, na memória de vivências coletivas concretas; para muitos outros, que não experimentaram aquele acontecimento significativo inicial, fundador de determinado sentido cultural, a distância da representação é ainda maior. Lévinas não pensa ter encontrado uma solução para tornar menos dolorosa esta ambigüidade dos costumes, ou mesmo da norma, como representação de uma intuição. Ela é expressão mesmo do problema paradoxal da equidade entre o que é essencialmente diferente. A solução parece ser retornar sempre ao princípio, à proximidade original, à responsabilidade. “Como é possível haver uma justiça? Respondo que é o fato da multiplicidade dos homens e a presença do terceiro ao lado de outrem que condicionam as leis e instauram a justiça. Se estou sozinho perante o outro, devo-lhe tudo; mas há o terceiro. [...]”²⁴.

O terceiro, perante o outro, também exige minha responsabilidade. O terceiro, perante o outro, apela a mim. Sou eu que respondo por sua integridade. A liberdade, o direito de ser do outro, não significa que ele pode simplesmente, em nível social, fazer de todos seus reféns. A minha resposta ao terceiro é proteger o seu direito a ser, e isto significa pesar e julgar, moderar o privilégio e a altura do outro. É inevitável ter de comparar o incomparável. Daí a socialidade e a justiça. “Que o dizer deve implicar um dito é uma necessidade da mesma ordem que a que impõe uma sociedade, com leis, instituições e relações sociais. Mas o dizer é o fato de, diante do rosto, eu não ficar simplesmente a contemplá-lo; respondo-lhe.”²⁵.

Outro problema a refletir é “quem fará a regulação da sociedade”? O princípio regulador não pode estar sobre um ser privilegiado ou que tem a primazia ontológica do

²³ Id. *ibid.*, p.82.

²⁴ Id. *ibid.*, p.81.

²⁵ Id. *ibid.*, p.80.

sentido, mas sim sobre a relação que brota do puro há, do existir sem existente, sem interesse, numa tarefa de constante renovação e reinterpretação que precisa brotar do significado original do humano. “Da significação procedem justiça e consciência.”²⁶. Dizer original que é a própria relação ética. Mesmo a instituição pode se revelar eticamente na justiça se proceder desde lá, na origem, onde principia a significação, a partir do puro existir, anterior mesmo à existência. A relação ética, apesar de estar mais além do ser e do saber, pode ser autenticamente assumida no discurso instituído. O dizer necessita do dito. “O Mesmo votado ao Outro: pensamento ético, socialidade que é proximidade ou fraternidade, que não é síntese. Responsabilidade por outrem, pelo primeiro que vem na nudez de seu rosto [...]. Responsabilidade anterior à minha liberdade, anterior a todo começo em mim, anterior a todo presente.”²⁷. Retornar à significação original do dizer, redução à vida do existir, de onde procedem a justiça e a consciência. Que significação é esta: “A significação é a libertação ética do Si mesmo através da substituição do outro. Se consuma como expiação para o outro.”²⁸.

Em suma, o princípio regulador da ética na instituição da cultura parece que nunca poderá ser simplificada uma norma primeira, mas antes um movimento, uma postura dinâmica de retorno à vivência original do existir e da formação da própria subjetividade em meio e a partir do diferente, um movimento de crítica racional iluminada por uma experiência. “Esta [a justiça], exercida pelas instituições, que são inevitáveis, deve ser sempre controlada pela relação interpessoal inicial.”²⁹. Em Lévinas, a metafísica não é, pois, uma ontologia do neutro, alheia à moral, mas é uma experiência original de proximidade e desejo insaciável de relação, desejo que não se alimenta da posse, mas que vive da gratuidade, que precisa do diferente e que conduz mesmo o agir humano. Mesmo porque, o despertar da consciência que constrói o sujeito como Eu, o próprio surgir da subjetividade, depende do diferente. O Eu se reconhece a partir da diferença. Para ser Eu, precisa ativamente preservar o direito do outro de ser totalmente outro. Sim, é verdade, por outro lado, como vimos no fenômeno da ideologia, que a consciência - mesmo em seu modo de ser racional - em sua tendência ou intenção racional mais original, se inclina ao sossego e, na sociedade, se inclina ao aburguesamento, decorrência do *conatus essendi*, desejo de perseverança no seu ser, desejo da comodidade de

²⁶ Id., *De otro modo que ser*, p.242.

²⁷ Id., *De Deus que vem à idéia*, p.219.

²⁸ Id., *De otro modo que ser*, p.242.

²⁹ Id. *ibid.*, p.81.

uma identidade tranqüilizadora. Para manter a razão em vigília, desperta e aberta à realidade, é preciso um movimento sempre novo de re-significação. O filósofo, crítico permanente, não é o legislador; é antes o olhar atento que vigia, observa e aponta os movimentos desde as muralhas da cidade, nos limites do mundo construído.

Referências bibliográficas

FABRI, M. **Fenomenologia e cultura: Husserl, Lévinas e a motivação ética do pensar.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

LÉVINAS, E. **De Deus que vem à idéia.** Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *De otro modo que ser.* Salamanca: Sígueme, 1999.

_____. **Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo.** Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. **Totalidade e infinito.** Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. *Tra noi. Saggi sul pensare-all'altro.* Milano: Jaca Book SpA, 2002.

SUSIN, L.C. et al. **Éticas em diálogo.** Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

*Artigo recebido em 31/07/2009
Aceito em 08/10/2009*